



## TECNOLOGIAS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO EDUCACIONAL NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19

Maria de Fatima Sousa Silva<sup>1</sup>, Elisangela Sousa de Araújo<sup>2</sup>, Lucio Carlos Dias Oliveira<sup>3</sup>, Roberto Santos Ramos<sup>4</sup>, Jaciele Santos da Silva Sousa<sup>5</sup>, Elba Cristina Froz da Luz<sup>6</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p3268-3284>

Artigo recebido em 19 de Julho e publicado em 19 de Setembro de 2025

### *Opinião/Revisão bibliográfica*

#### RESUMO

Este texto discorre sobre questões voltadas para o contexto educacional no período pandêmico. A metodologia parte uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, a partir de autores que discutem a temática demonstrando a fragilidade do ensino público, os desafios dos professores, dos alunos e familiares durante a pandemia da Covid-19. O estudo demonstrou que pensar em equidade no ensino, é necessário investir na formação docente promovendo saberes pedagógicos e também o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação -TDICs, pois é necessário equipar as escolas com acesso as tecnologias digitais. Sendo imprescindível fortalecer a manutenção e ampliação da escola pública e democrática como um bem comum, sem deslumbrar o ensino consumista personalizado pautado em ideias neoliberais que não inclui todos. Os apontamentos levantados, leva a refletir sobre as diversas ideologias e perspectivas educacionais, por isso é necessário compreende-las na íntegra.

**Palavras-chave:** pandemia da Covid-19; escola pública; tecnologias digitais.



# DIGITAL TECHNOLOGIES: REFLECTIONS ON THE EDUCATIONAL CONTEXT DURING THE COVID-19 PANDEMIC

## ABSTRACT

This text discusses issues related to the educational context during the pandemic. The methodology is based on a bibliographic review with a qualitative approach, based on authors who discuss the topic, demonstrating the fragility of public education and the challenges faced by teachers, students, and families during the COVID-19 pandemic. The study demonstrated that, to consider equity in education, it is necessary to invest in teacher training, promoting pedagogical knowledge, and also the use of Digital Information and Communication Technologies (DICTs), as it is necessary to equip schools with access to digital technologies. It is essential to strengthen the maintenance and expansion of public and democratic education as a common good, without resorting to personalized, consumerist education based on neoliberal ideas that do not include everyone. The findings lead to reflection on the various educational ideologies and perspectives, thus requiring a comprehensive understanding.

**Keywords:** Covid-19 pandemic; public school; digital technologies.

<sup>1</sup>Universidade Federal do Maranhão – CCCO/ UFMA

Maria de Fátima Sousa Silva

E-mail: mfs.silva@ufma.br

<sup>2</sup>Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus Pinheiro

<sup>3</sup>Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus Pinheiro

<sup>4</sup>Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus Pinheiro

<sup>5</sup>Universidade Federal do Maranhão – UFMA Campus Pinheiro

<sup>6</sup>Escola Municipal Inah Rego/ Presidente Sarney/MA

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## INTRODUÇÃO

De acordo com Saviani, (2003), ao longo da história brasileira, várias reformas educacionais foram implementadas, implicando em diferentes ideologias e tendências pedagógicas. Desde a chegada dos jesuítas até as políticas e leis atuais da educação, têm sido marcadas por desigualdade, exclusão, minimização do Estado, mas também por conquistas oriundas de lutas e resistências de muitos profissionais e da própria sociedade.

É oportuno destacar, que as contradições na sociedade de classe, promovem interesses antagônicos em cada grupo social. Significa dizer que a educação escolar não é neutra e nem desinteressada. Assim, as mudanças nas políticas educacionais, nem sempre estão a serviço de todos de forma igualitária.

Entretanto, educação, sujeito e sociedade estão imbricados no decorrer da história humana, incluindo a educação informal desde dos homens primitivos. Conforme Saviani (2005), diversas instituições em diferentes momentos assumiram o processo de educar, como: as famílias, as tribos, a igreja etc. Com o surgimento das classes, surge também a escola, assim a educação foi dividida: a educação de cunho escolar para atender os filhos dos proprietários de terras, e para aqueles que não eram filhos de proprietários de terras, a educação realizada a partir do próprio do trabalho.

Com o advento da sociedade capitalista burguesa, ocorreu a exploração do trabalho e acumulação do capital, ora, a educação escolarizada que a priori estava a serviço de pequenos grupos privilegiados, passou a ser solicitada também por grande parte da população, que passou vê-la-á como uma forma de ascensão social e econômica, portanto, dividida. Nesse sentido, a educação escolar desde o seu surgimento não foi pensada para incluir todos. O fato é que no decorrer dos anos a educação escolarizada é cobrada cada vez mais, uma vez que a qualificação profissional para atender as demandas sociais, sobretudo na atualidade com o advento das tecnologias no mundo globalizado.

No Brasil, até 1950 do século XX, nem todas as crianças seguiam estudando após concluir o ensino primário, além disso, grande parte da população estavam em condição de não letrada, pois a escola não representa perspectiva de ascensão social



para classe popular de baixa renda. Essa configuração passou a mudar a partir da década de 70 do referido século, em que a escola passou ser vista como perspectiva de desenvolvimento econômico e social. No decorrer dos anos foram criadas as políticas educacionais objetivando universalizar a escola pelo menos até o ensino fundamental. Conforme Charlot (2013), a expansão da escolarização na sociedade contemporânea globalizada, foi organizada e pilotada pelo Estado. A partir de então, tornou-se comum falar em ensino básico universal, em elevação da escolaridade, equidade, qualidade de educação e formação docente.

Com relação a escola, desde seu surgimento aos dias atuais, se conhece as suas características seu modelo estrutural/ organizacional, resistência e credibilidade. De modo que não se imagina outras formas de educação formal. A escola tornou-se um lugar de socialização e de formação profissional e humana.

Tais características segundo Cordeiro (2007), mesmo com as mudanças ocorridas ao longo dos anos, muitas coisas permanecem, a exemplo: em sua maioria as escolas mantêm sala retangular com cadeiras organizadas em fileiras e uma mesa a frente para o/a professor/a," um quadro-lousa na parede, com um/a docente mediando as atividades pedagógicas para várias crianças ou jovens mais ou menos da mesma idade. Cujos estudantes, devem cumprir as tarefas, as regras de comportamento e de conduta. Encontra-se também, livros, instrumentos escolares, ilustrações, avisos/informações nas paredes etc. Além disso, o/as professore/as seguindo um cronograma, programa e currículo escolar previstos no decorrer do ano letivo.

Nos dizeres de Nóvoa (2022, p.10), "a descrição da escola acima, é uma simplificação, quase uma caricatura, pretendendo apenas ilustrar um modelo escolar que marca o panorama educacional em todo o mundo nos últimos 150 anos". A escola está constituída num contrato social e político responsável pela formação integral dos alunos(as) a partir de um modelo organizacional estabelecido. No entanto, ao mesmo tempo em que se celebra a importância da escola, a mesma demonstra incapacidade de responder aos desafios da contemporaneidade, ou seja, o modelo escolar está em transformação e/ou desagregação, (Nóvoa, 2022, p.11).

A partir do início do século XXI os pesquisadores começaram a demonstrar que o modelo estrutural de escola não atendia mais as demandas da sociedade, e, portanto, precisava ser repensada. Porém, o autor supracitado assevera, que não se trata apenas



de melhorias ou de aperfeiçoamentos ou mesmo de inovações, mas de uma verdadeira metamorfose da escola. Nóvoa (2022), alerta também, que embora não se saiba ao certo como será tal mudança, mas as discussões tencionam para o fim da escola tal como a conhecemos, ou seja, o princípio de uma nova instituição, que certamente terá o mesmo nome, mas que será diferente.

Estes apontamentos iniciais, são necessários para se reconhecer que o início do século XXI foi fértil em discussões sobre inovações das práticas docentes, no entanto se reconhece também que o modelo escolar foi resistente diante de muitas transformações sugeridas, pelo menos, até à pandemia da Covid-19 ocorrida em 2020.

Como é do conhecimento de todo/as repentinamente, o mundo foi surpreendido, e a transformação estrutural de ensino que até então era tido como impossível, se transformou em poucos dias, uma vez que diferentes espaços de ensino e aprendizagem foram improvisados, diferentes horários de estudo e de trabalho, diferentes métodos de ensinar até então desconhecidos por muitos professores/as, sobretudo o ensino remoto. A necessidade emergente foi necessária, embora em muitos casos com alternativas frágeis e precárias para alguns grupos ou comunidades, (Nóvoa, 2022).

Os tópicos a seguir irão discorrer sobre algumas mudanças, desafios e superação de professore/as, aluno/as e famílias durante o período pandêmico para garantir que os/as estudantes não ficassem sem acesso ao ensino, uma vez que em muitos contextos brasileiros, muitas famílias não tinham condições mínimas de acesso as tecnologias que garantisse o ensino remoto dos filhos durante a pandemia da Covid-19.

### **METODOLOGIA**

Esta pesquisa se configura numa abordagem qualitativa, parte de uma revisão bibliográfica de cunho exploratório, que por sua vez, permite maior proximidade com o problema a ser pesquisado, bem como mais aprofundamento teórico e diálogo com os autores que fundamentam o trabalho. É importante destacar, que este tipo de abordagem permite ao pesquisador/a se apropriar do tema em debate a partir das discussões de autores renomados que estudam a temática.

Para a análise dos dados e informações obtidas, adotou-se a técnica de Análise de Conteúdo (AC), na perspectiva da autora Laurence Bardin. Esta técnica é



compreendida como um conjunto de instrumento metodológico, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados, (Bardin, 2011). No decorrer do estudo, priorizou-se as plataformas: Scielo, google acadêmico e CAPES

### **Educação pública x Educação privada: Reflexões sobre o ensino no contexto da pandemia da Covid-19.**

Conforme Nóvoa (2022), desde do início do século XXI tem crescido uma ideologia entre autores e pesquisadores, que caso essa ideologia se consolide, promoverá “o fim da escola pública” que temos na atualidade, uma vez que estes grupos ligados as políticas neoliberais defendem uma perspectiva consumista de educação como um bem privado. Cujas tendências perspectivam a transição digital e à inteligência artificial, as quais emergem novas formas de aprendizagem “personalizadas” pautados nos recursos tecnológicos de alto porte. O que certamente terá implicância em mais exclusão e fracasso escolar, por aqueles que não consegue ter tal acesso.

As ideias do autor supracitado, nos chama atenção para pensar que estas tendências de cunho privado, mesmo sem prever a pandemia, estavam preparadas para responder à situação de emergência causada pela pandemia da Covid-19. Pois, conforme é do conhecimento de todos foi explícito a mobilização de plataformas digitais e de materiais de ensino online disponibilizados democraticamente naquele período. De modo que as autoridades públicas, os ministros e a população brasileira ficaram dependentes de plataformas e de conteúdos disponibilizados pelas empresas privadas. Ninguém tenha previsto tal situação, mas independente da ocorrência pandêmica, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs, no contexto escolar estava prestes a acontecer, conforme estamos vivenciando.

É interessante também, fazer uma correlação desses apontamentos com as ideias de Edgar Morin sobre o despreparo do ensino público no período da pandemia, em relação ao que pode ocorrer segundo ele, com um sistema em despreparação, ou seja, um sistema que não consegue lidar com seus problemas, pode ocorrer situações, como: "regressão, desintegração ou transformação". Para este pensador, quando um sistema não consegue superar seus problemas, se desintegra e assim suscita outros



metasistemas com mais capacidades nas resoluções de problemas, e a assim as transformações acontecem.

Ao relacionar o pensamento desse teórico com o sistema escolar público brasileiro, talvez o mais provável seja a desintegração, tendo em vista que as tendências acima descritas, advogam implicitamente e/ou explicitamente para uma educação consumista de cunho privado, que por sua vez está cada vez mais presente no país.

Nos dizeres de Nóvoa, (2022), entendemos a importância das tecnologias e da ciência, pois são elementos centrais para pensar a educação na atualidade. Porém, estas abordagens devem estar ao serviço de uma transformação do modelo escolar que não diminua, mas reforce a importância da educação como bem público, e comum a todo/as.

Entretanto, por mais que se celebre avanço nas políticas educacionais públicas no contexto brasileiro, ainda se enfrenta diversos desafios a serem superados, tendo em vista os problemas na educação, como: estruturas das escolas públicas, a falta de material, bibliotecas, livros, ausência das TDICs, formação inicial aligeiradas e os baixos salários dos professores, entre outros existentes em algumas regiões do Brasil, uma vez que os índices educacionais demonstram a realidade de muitos alunos que não conseguem avançar nos estudos. A desigualdade educacional sempre permeou o sistema educacional público no país, e mais explicitada no contexto pandêmico da covid-19, em que muitos alunos não avançaram no ensino em decorrência da falta de acesso as tecnologias em algumas regiões.

Ora, uso das tecnologias digitais sobretudo após a pandemia, é uma realidade presente nas vidas das pessoas, e inevitavelmente nas escolas. Atualmente, a grande maioria dos estudantes têm acesso as diversas informações de forma gratuito, o desafio essencial é a compreensão destes, ou seja, a interligação dos conhecimentos e o seu sentido. Aberkane, (2018, p. 51) afirma que muitos estão perspectivando a educação como ações (stocks) e fluxos. No entanto, o autor alerta que o principal interesse pela dinâmica do processo educativo deve ser o foco na aprendizagem, e não por stock de informação.

Por esta e outras razões, é necessário reflexões e não somente deslumbramentos diante das tecnologias digitais. Pois Nóvoa (2022), alerta que implicitamente as tendências ideológicas apontadas, alimentam distintas perspectivas



por isso, acabar é necessário para que não ocorra a desintegração da escola. Pois, tais ideias, possuem pontos comuns: a visão hiper personalizada da aprendizagem; bem como a perspectiva consumista de educação, ou seja, as privatizações do ensino.

Todas essas questões trazem importantes questionamentos, pois nem sempre um paradigma vigente deve excluir todo um paradigma existente. É sabido que a ciência vem contribuindo para melhoramento da sociedade, com a pandemia da Covid – 19, ficou muito explícito a importância dos meios digitais, das tecnologias para humanidade, e conseqüentemente para a educação. Mas, o percurso educativo não pode se limitar as tecnologias digitais. Sendo necessário cada vez mais ampliar a educação pública, a permanência das instituições escolares, as quais formam, e compartilham saberes científicos para vida pessoal e para o mundo do trabalho, e para isso os professores são imprescindíveis, (Nóvoa, 2022).

Temos ciência de que a sociedade atual é tecnológica, ao passo que a maioria dos estudantes têm acesso no mínimo ao uso de celular. Mas, contraditoriamente, os aparelhos tecnológicos por si só não promovem conhecimento, é necessário conhecer as tecnologias para manejá-los e fazer usos adequados nas pesquisas, discernindo conhecimento de informações falsas, etc. É necessário a mediação do professor, estes, oportunizam aos estudantes os conhecimentos científicos, possibilitando acesso as novas investigações, isso será inviável sem a mediação pedagógica, por esta razão a escola precisa ser mantida, incluindo a escola pública e democrática que atende a população que dela precisa.

É importante destacar, que durante a pandemia conforme Nóvoa (2022), muitas escolas deram resposta positivas em muitas regiões, gestores e professore/as, promoveram soluções adequadas, sobretudo quando conseguiram apoio das famílias e das autoridades locais. Percebeu-se a importância dos laços de confiança entre as escolas, as famílias e os alunos. Por meio da autonomia profissional de um trabalho colaborativo, conseguiram avançar com ações significativas de cunho pedagógicas inclusivas. Isso reitera que os professores são essenciais para o presente e o futuro da educação.

No contexto educacional, durante a pandemia a lição mais evidente foi a importância dos professores, a flexibilidade e os ambientes de aprendizagem organizados por estes profissionais. Isso mostra o grande potencial dos professores por



meio de trabalho em conjunto pautado na ciência, dentro e fora do espaço escolar encontraram soluções viáveis e adequadas para aquele momento, (Nóvoa, 2022).

### **Educação escolar no contexto pandêmico: Desafios e possibilidades diante do embate digital**

Como é sabido, o final do ano de 2019 e o início de 2020 marcaram um período estarrecedor na história mundial com o advento da pandemia da Covid-19, que teve seus primeiros surtos percebidos em Wuhan na China, e em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia. No Brasil, em 17 do mesmo mês foi registrado oficialmente o primeiro óbito pela infecção da Covid-19. A partir dessa data os números de vidas perdidas aumentaram drasticamente, (Ramos; Franco; Silva, 2022, p. 2)

O vírus se espalhou rapidamente e muitos países não conseguiram conter seu avanço, resultando num colapso no sistema de saúde, implicando numa calamidade pública com um quantitativo de óbitos alarmante, inclusive no Brasil. De modo que todos os governos trataram de elaborar resoluções de medidas de segurança, em todos os setores e seguimentos, entre eles no sistema educacional.

No estado do Maranhão o governo por meio Decreto nº 35.713, de 03 de abril de 2020, decretou conforme o **Art. 10** Ficam prorrogados até 26 de abril de 2020: 1 - o período de suspensão das aulas presenciais:

**a)** nas unidades de ensino da rede estadual de educação, do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA, da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL;

**b)** nas instituições de ensino das redes municipais e nas escolas e instituições de ensino superior da rede privada localizadas no Estado do Maranhão.

É difícil imaginar a escola sem uma sala de aula cheia de alunos, cadeiras enfileiradas, conversas paralelas, quadro, giz e calor humano. Mesmo nas escolas mais sofisticadas e modernas da atualidade, onde todas essas coisas possuem upgrade, um detalhe não foge à regra: o contato humano. Desde sua origem a escola tem mantido as



suas características físicas e organizacional para preparar os alunos para a vida e para o mundo do trabalho. Ninguém estava preparado para viver um período de isolamento social em massa.

Com o avanço da pandemia da Covid-19 entre 2020-2021, as salas de aulas ficaram vazias, as escolas foram forçadas a "tirar férias". Segundo Dussel (2003, p. 36), aquilo que conhecemos como sala de aula sofreu modificações, tanto na estrutura material, quanto na estrutura pedagógica e comunicação (aulas, fala, interação, o fluxo de comunicações).

Paula Sibilia (2012, p.46), reitera que a educação contemporânea já havia demonstrado necessidade de desenvolver novas competências que a escola tradicional não estava conseguindo atender. Com a pandemia repentinamente todos tiveram que se adaptar a inesperada situação, e por obviedade, mudou consideravelmente os rumos de todos os segmentos do planeta.

No caso das escolas, as práticas pedagógicas que antes eram efetivadas em sua maioria em sala física, passaram a acontecer em ambiente virtual. Os celulares, tablets, computadores e demais aparelhos eletrônicos utilizados para diversão pelos educandos, ganharam outra utilidade, ou seja, para as aulas remotas.

Embora, as tecnologias já fizessem parte do cotidiano da maioria das pessoas, porém, ninguém imaginava que elas se tornariam o único meio viável para uma comunicação segura. Com isso, além dos alunos, muitos professores tiveram que se adaptar a um novo ritmo de trabalho. Suas metodologias, seus recursos pedagógicos, seus métodos de avaliação, as práticas pedagógicas passaram a ser conduzidas a partir do uso das tecnologias.

É importante destacar que alguns professores tinham familiaridades com as tecnologias, pois há algum tempo o Brasil tem a modalidade Educação a Distância - EaD na educação, mas para muitos profissionais da educação, o acesso virtual não era tão familiar, além disso o ensino EaD tem toda uma organização, diferente de repentinamente tanto os professores, quanto os alunos e familiares se depararam com o ensino remoto como única alternativa.

De forma emergencial, houve a necessidade de encontrar um novo rumo para a condução do calendário escolar, levando em consideração as necessidades dos alunos, porém a desigualdade social contribuiu para que as emergentes práticas pedagógicas



não conseguissem alcançar a todos. Pimenta (2020), reitera sobre a questão do impacto da desigualdade econômica e social em grande parte dos alunos no ensino remoto.

A desigualdade social entre os estudantes tem sido evidenciada ao se constatar que muitos podem ter acesso à internet, computador e aparelho de telefonia celular ou notebooks, mas uma parcela considerável da população não dispõe de acesso à essas tecnologias, acarretando dificuldades ou impossibilidade no acompanhamento das aulas online (Pimenta. *et al*, 2020, p. 10).

A partir da assertiva dos autores, compreendemos que embora a necessidade de adaptar ensino remoto em consequência do período pandêmico fosse a única maneira de conduzir o calendário escolar, aqueles com melhor condição econômica tiveram menos dificuldade de acesso e permanência nessa modalidade de ensino, ao contrário daqueles alunos pertencente as famílias de menor poder econômico, muitos não tiveram acesso. Nesse caso, o direito de todos à educação é negligenciado, uma vez que não se efetivou a todos conforme é garantido constitucionalmente.

É importante destacar que no contexto educacional brasileiro, sobretudo o público, houve muitas dificuldades para os alunos se adequarem aos pré-requisitos impostos pela crise sanitária em todos os níveis de ensino, sendo mais desafiador ainda, para os alunos da alfabetização. Algumas escolas que oferecem esse nível de ensino, durante as aulas remotas muitos dos professores não possuíam familiaridades com as tecnologias digitais, além disso, muitos pais e alunos não tinha acesso aos meios digitais para que as aulas fossem concretizadas, e certamente isso foi um dos problemas. Outro desafio, que impactou na aprendizagem dos alunos, foi a ausência do convívio presencial, uma vez que é muito importante para que a criança desenvolva e amplie a noção de cooperação e coletividade que se fortalece através do contato com os professores e seus pares.

Com relação ao uso das tecnologias para aquelas crianças que tinham computadores, tablets, celulares ou outros meios digitais, apenas por diversão, usar a tela de celular como sala de aula foi situação diferente de acessar redes sociais como: o Tik Tok, o Instagram, Facebook ou jogos aleatórios por diversão. Para uma criança que está em processo de alfabetização, a concentração é muito importante, e manter o foco



pelo menos duas horas numa tela e ainda ter que lidar com a obrigação de aprender algo que para muitos alunos não é atraente, foi um grande desafio para todos os envolvidos no processo.

Contudo, foi necessário que pais, alunos e professores desenvolvessem habilidades com as ferramentas digitais fugindo daquelas que até então eles conheciam. A alfabetização desenvolvida em vias normais, ainda se configura entrave e desafios no contexto brasileiro, (principalmente nas escolas públicas), diante dos apontamentos feitos e muitas outras razões, foi a mais afetada durante a pandemia.

Dados do sistema de avaliação da Educação Básica (SAEB) divulgados em 2022 pelo Ministério da Educação (MEC), mostraram que as crianças em fase de alfabetização tiveram maior queda de aprendizagem entre todas as séries avaliadas em 2021 por causa da crise sanitária. Aos oito anos de idade, quando as crianças deveriam saber ler e escrever com fluência, muitas não conseguem interpretar uma informação básica em pequenos textos.

Ainda segundo o SAEB, a queda na aprendizagem entre alunos em processo de alfabetização foi ainda maior do que a registrada no 5º ano, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. No exame amostral de língua portuguesa, a perda foi de 24,5 pontos, o melhor desempenho foi registrado no Estado de Santa Catarina, seguido do Distrito Federal e São Paulo. A maior queda na aprendizagem foi registrada no Acre. Os dados do SAEB apontam ainda que pela média registrada em 2021 em língua portuguesa de 72,55 mil alunos, muitos não estavam habilitados a escrever um texto de um convite para uma festa, por exemplo. Além disso, muitos não conseguem escrever corretamente uma palavra com três sílabas. Esses dados seguem mostrando que dobrou ainda a porcentagem de alunos que estão nos níveis mais baixos de desempenho em leitura e escrita, de 15% para 34%. Esse grupo inclui desde crianças que não conseguiram responder à prova e outras que não conseguem relacionar o som de uma consoante ao seu formato escrito.

Para ler e escrever é imprescindível que o aluno permaneça na escola, pois além dos conteúdos escolares, o convívio com outras crianças, favorece a aquisição de conhecimentos por meio das interações, trocas e partilhas, que não são possíveis adquirir sem o relacionamento interpessoal desenvolvido no âmbito escolar.

No tocante, a crise pandêmica que assolou o mundo trouxe prejuízos como a



perda do aprendizado, o aumento das desigualdades de aprendizagem, o aumento do abandono escolar e impactos negativos no bem-estar e na saúde mental de alunos e professores. Com o afastamento social, a desintegração das barreiras físicas para a comunicação fez com que as instituições de ensino intensificassem suas ações através de ferramenta digital. Apesar dessa ter sido uma oportunidade de incluir as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem das crianças como um experimento forçado, trouxe resultados que devem ser analisados com muita reflexão.

Em relação aos desafios enfrentados, as desigualdades e a dificuldade de acesso ao ensino remoto, talvez a maior lição de tudo isso, seja a bravura, o compromisso e o protagonismo dos profissionais da educação em todo o país, que garantiram a continuidade da oferta do ensino ainda que de maneira virtual, dando um novo significado às suas práticas, enfrentando e superando todas as adversidades sem permitir que as escolas parassem e assim, evitando prejuízos educacionais de proporções ainda maiores.

Apesar de algumas deficiências no sistema de ensino remoto, deve-se levar em consideração, o mérito dos estudantes e de suas famílias, dos professores, dos funcionários e dos gestores das escolas que não mediram esforços, inclusive, em alguns casos, foram às ruas em busca de seus alunos na famigerada busca ativa, com o objetivo de entregar as atividades impressas para àqueles que não tinham recurso tecnológico para acompanhar as aulas online.

Para os pais, alunos e professores foi muito desafiador. Mas como vimos, a escola já sobreviveu à diversas transformações ao longo de sua existência, e mesmo que os seus moldes pedagógicos sejam praticamente os mesmos há muito tempo, esse novo cenário educacional a induziu mesmo à contragosto, a evoluir mais uma vez. Assim, se espera também que apesar das evidentes dificuldades, todos os envolvidos nessa nova perspectiva consigam evoluir também se instrumentalizando e se alfabetizando tecnologicamente.

Portanto, se de um lado, estudar através de uma tela de celular pode inibir o interesse do aluno, por outro lado também é possível inserir os meios digitais no convívio escolar, favorecendo o interesse e atenção dos mesmos, auxiliando na percepção e na resolução de problemas reais. Afinal, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), diz que é preciso aproximar o conteúdo estudado com a realidade dos alunos e



experimentalizar novos mecanismos de aquisição de conhecimentos baseado no *hype* do panorama tecnológico atual, dar um sentido mais prático às disciplinas, principalmente utilizando as ferramentas do cotidiano da Geração Z: os nativos digitais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto compreendemos que a pandemia da Covid-19 trouxe à tona a fragilidade que os sistemas educacionais brasileiro, em especial o público está inserido. A educação não por acaso as vezes é entendida como gasto e não como investimento. A visão contrária a esse pensamento, sem dúvidas, seria o combustível capaz de impulsionar um novo desdobramento para a área da educação.

Ficou explicito também que o modelo de escola atual precisava ser revisto, embora muitos autores estivessem alertados para as mudanças necessária, houve muita resistência. Compreendemos a fertilidade de uma tendência que prima pela valorização exorbitante da ciência a qual prima por uma educação consumista, que dispensa inclusive, o professor e a escola.

Compreendemos a importância das TDICs na educação, assim como o professor mediador, que nos dizeres do pesquisador Nóvoa “educar humanos, por humanos, para o bem da humanidade”. Compactuamos com suas ideias em defesa de que a escola da era digital só será possível com o investimento cada vez mais na formação do professor, investimento na educação, tanto nos aspectos físicos quantos nos aspectos pedagógicos e tecnológicos, é preciso fortalecer os discursos, efetivar ações em defesa da escola pública como bem comum.

Reiteramos que o profissional para atender as necessidades educacionais atuais, além dos aspectos acadêmicos, precisa ser um professor organizador do trabalho pedagógico de forma não linear. Que interaja com os alunos a partir de uma relação de respeito mútuo. Os alunos aprendem a partir de uma *práxi* em que o professor deve saber os conteúdos do componente curricular auxiliado com o uso das tecnologias digitais, não somente nos aspectos técnicos, mas no que se refere às relações, surgidas nesse meio digital.

Pois é sabido que as tecnologias e à “virtualidade” é uma realidade



permanente, é impossível pensar a educação se os professores estiverem fora do contexto. Vivemos conexões sem limites, porém, vale salientar que este mundo globalizado é também marcado por fraturas e divisões sociais e consequentemente digitais.

Por isso um ponto importante é preparar os professores, pois para integrar o ensino presencial usando as novas tecnologias, é imprescindível prepara-los para esta nova demanda. Para isso, é necessário também promover a inclusão digital na educação e em todos os ambientes escolares.

As Universidades, que são responsáveis pela formação inicial e continuada dos professores, devam fortalecer cada vez mais seu compromisso em promover aos acadêmicos em geral, e aos licenciandos uma formação crítica que permitirá não só repensar a prática pedagógica constante de professor/a, como também promover uma formação crítica, com base em evidências científicas para lidar com as tecnologias, e assim atuarem ativamente numa sociedade tão desigual, em busca de equidade. Como sabemos, a pandemia trouxe impactos em todos os aspectos, entre eles sérios problemas emocionais. Em todos os níveis de ensino tiveram problemas educacionais, sendo mais acentuados nos anos iniciais. Superar tal déficit emerge desafios que precisam ser encarados por todo/as que estão comprometido/as com a educação.

## REFERÊNCIAS

ABERKANE, Idriss. **Libérez votre cerveau! Traité de neurosagesse pour changer l'école et la société.** Paris: Robert Laffont, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições70, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber às Práticas Educativas.** São Paulo: Cortez, 2013.

CORDEIRO, Jaime. **Didática.** São Paulo: Contexto, 2007, p. 13-39.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Art. 23, parágrafo 2º.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2023.

DECRETO Nº **35713** DE **03/04/2020.** Disponível em: <https://acm.ma.com.br/servicos/decretos-e-medidas/>.



DUSSEL, Inês. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar.**

Tradução de Cristina Antunes. São Paulo: Moderna, 2003.

NÓVOA, António. **Escolas e Professores proteger, transformar, valorizar.** Com a colaboração de Yara Alvim. Salvador Bahia, SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, António (2017). **“Firmar a posição como professor, Afirmar a profissão docente”** Cadernos de Pesquisa, vol. 47 (116), pp. 1106-1133.

MORIN, Edgar (2010). **“Éloge de la métamorphose,”** Le Monde, 9 Janeiro 2010.

PIMENTA, J. S. et al. **Educação em tempos de pandemia: desafios, reflexões, aprendizagens e perspectivas.** Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (EDUCITEC), v.6, Ed. Esp. Desafios e avanços educacionais em tempos da COVID-19, e 141320, 2020.

RAMOS, Roberto; FRANCO, José Raimundo Campelo; SILVA, Maria de Fatima Sousa.

**Educação ambiental crítica e emancipatória: pandemia e ambiente nas encruzilhadas do olhar político.** Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro, SP/ v. 32, n.65/2022. ISSN 1981-8106e06[2022]

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão;** Tradução Vera Ribeiro/ Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

**Sistema Nacional de Avaliação Básica, SAEB, 2021.** Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2021b.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras aproximações.** 9. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: Polêmicas do nosso tempo.** 36. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2003.